

MALVINAS 2026: O JOGO QUE NINGUÉM QUER ASSISTIR

Enquanto o mundo aguarda a decisão da Copa de 2026, o Atlântico Sul poderia ser palco de um confronto muito mais perigoso. Entre a rivalidade nos gramados e as disputas históricas, veja como drones e vulnerabilidades estratégicas poderiam reescrever o destino das Malvinas em um jogo que ninguém quer assistir.

Carlos Alexandre Klomfahs*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

1. INTRODUÇÃO E CONTEXTO

O confronto entre Argentina e Inglaterra pelas semifinais da Copa do Mundo, em 15 de julho de 2026, tem uma rivalidade que vai além das quatro linhas. Ambos os países disputam o controle das Ilhas Malvinas, assunto que causa atrito há décadas. Recorda-se que a questão das Ilhas Malvinas permanece como uma das mais sensíveis e duradouras disputas de soberania do cenário internacional.

A ocupação britânica do arquipélago do Atlântico Sul, que perdura desde 1833, representa para a Argentina uma causa irrenunciável, com respaldo constitucional e respaldada por sucessivas resoluções da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, instando as partes a retomarem negociações diretas sobre a soberania do território.



Atlântico Sul: teatro de operações geopolítico e militar: O mapa ilustra as principais distâncias estratégicas, os raios de ação da aviação argentina (F-16 com e sem reabastecimento pelo KC-135), a rota logística britânica via Ilha de Ascensão, os vetores de ataque de drones e mísseis e as rotas marítimas de interesse estratégico no contexto do conflito latente pelas Ilhas Malvinas. Elaboração com base em dados de fontes abertas, 2026.

Passados mais de quatro décadas desde o conflito de 1982, o tabuleiro geopolítico e militar do Atlântico Sul apresenta transformações profundas.

De um lado, o Reino Unido demonstra vulnerabilidades significativas em suas capacidades navais, logísticas e de defesa aérea, agravadas por crises internacionais que redirecionaram seus ativos estratégicos, incluindo pontos-chave da logística naval britânica, desde a Ilha de Ascensão e Geórgia do Sul.

De outro, a Argentina, sob a administração do presidente Javier Milei, vem conduzindo um processo de modernização de suas forças armadas que inclui a aquisição de caças F-16, veículos blindados Stryker, sistemas de drones e o fortalecimento de suas forças de operações especiais.

Misturando seriedade e bom humor, e sem colimar provocar qualquer rivalidade entre os países, brincando com uma análise preditiva, este artigo analisa superficialmente as capacidades militares e econômicas da Argentina para uma eventual retomada das Malvinas, considerando as vulnerabilidades do Reino Unido e o papel estratégico que drones e mísseis podem desempenhar em um cenário de conflito.

2. PERGUNTA DE PESQUISA

Em que medida as vulnerabilidades navais, econômicas e logísticas do Reino Unido, combinadas com o emprego tático de drones e mísseis de última geração pela Argentina, poderiam viabilizar uma operação de retomada das Ilhas Malvinas no atual contexto geopolítico?

3. JUSTIFICATIVA

A análise preditiva da questão Malvinas, ainda que com “ar de bom humor e seriedade”, sem pretensão de provocar rivalidades entre os países, e sob a ótica das capacidades militares contemporâneas, é fundamental por diversas razões.

Primeiro, porque o arquipélago representa um ativo estratégico de imenso valor, situado em uma região rica em recursos naturais e rotas marítimas vitais. **Segundo**, porque as recentes movimentações geopolíticas, incluindo a sinalização dos Estados Unidos sobre uma possível reavaliação de seu apoio à soberania britânica sobre as ilhas, criam um ambiente de incertezas que pode ser explorado.

Por fim, o avanço tecnológico no campo dos sistemas não tripulados e das armas de precisão reconfigura o ambiente operacional das forças armadas, tornando obsoletas doutrinas e estratégias tradicionais e justificando uma análise aprofundada das novas possibilidades táticas.

4. HIPÓTESE INICIAL

A rigor, a Argentina, embora não possua capacidade logística para uma invasão em larga escala nos moldes de 1982, detém, hoje, um arsenal de meios táticos (drones, mísseis antinavio e caças modernos) que, combinados com as vulnerabilidades críticas do Reino Unido na defesa do arquipélago (falta de reabastecimento aéreo, fragilidade da defesa antiaérea e redução da frota naval), poderiam permitir uma campanha de “negação de área” e ataques de precisão que comprometeriam seriamente a capacidade britânica de manter o controle sobre as ilhas, abrindo uma janela de oportunidade para ações de forças especiais e uma potencial retomada territorial.

5. OBJETIVO GERAL

Analisar o potencial militar e econômico argentino para uma operação de retomada das

Ilhas Malvinas, mapeando as vulnerabilidades do Reino Unido e avaliando a eficácia do uso de drones e mísseis como elementos multiplicadores de força capazes de alterar o equilíbrio estratégico no Atlântico Sul.

6. METODOLOGIA E ANÁLISE SWOT

A metodologia adotada para esta análise é a Matriz SWOT (Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças), aplicada à perspectiva argentina para uma operação de retomada das Malvinas. Esta ferramenta permite uma visão holística e equilibrada dos fatores internos e externos que influenciariam o sucesso de tal empreitada.

ANÁLISE SWOT — MALVINAS 2026			
Perspectiva Argentina para uma operação de retomada das Ilhas Malvinas			
AMBIENTE INTERNO		AMBIENTE EXTERNO	
POSITIVO	F FORÇAS	O OPORTUNIDADES	
	• Modernização com caças F-16 e veículos blindados Stryker 8x8 • Forças especiais capacitadas (exercício 'Daga Atlântica 2026') • Arsenal de drones e mísseis antinavio de última geração • Estratégia de 'negação de área' com ataques de precisão • Possível ampliação de alcance operacional com KC-135 Stratotanker	• Frota naval britânica reduzida a apenas 6 destróieres e 11 fragatas • Retirada do avião-tanque britânico comprometeu reabastecimento aéreo • Possível enfraquecimento do apoio diplomático dos EUA ao Reino Unido • Vulnerabilidade britânica a enxames de drones baratos (Sky Sabre) • Infraestruturas críticas britânicas (radar, pista de pouso) expostas a ataques	
NEGATIVO	F FRAQUEZAS	A AMEAÇAS	
	• Logística insuficiente para invasão anfíbia em larga escala • Frota naval reduzida e envelhecida • Limitações econômicas para sustentar operação prolongada • Arsenal limitado de mísseis antinavio e antiaéreos • Dependência tecnológica de fornecedores externos	• Sistema de defesa aérea Sky Sabre (israelense) modernizado • Possível intervenção dos EUA e aliados da OTAN em apoio britânico • Custos econômicos e diplomáticos de uma operação militar • Capacidade britânica de sustentação logística via Ilha de Ascensão • Isolamento internacional e risco de sanções econômicas	
Fonte: Klomfahs, C. A. Malvinas 2026: O jogo que ninguém quer assistir. velhogeneral.com.br , 15 jul. 2026.			

Análise SWOT aplicada à perspectiva argentina para uma operação de retomada das Ilhas Malvinas (2026). O quadro sintetiza as forças e fraquezas internas das Forças Armadas argentinas, bem como as oportunidades e ameaças decorrentes do ambiente externo, com ênfase nas vulnerabilidades estratégicas do Reino Unido e nos riscos geopolíticos para a Argentina. Elaboração com base em fontes abertas diversas.

7. DESENVOLVIMENTO: A NOVA EQUAÇÃO DAS MALVINAS

7.1. AS VULNERABILIDADES DO REINO UNIDO

O cenário atual apresenta o Reino Unido em uma posição de defesa do arquipélago marcadamente mais frágil do que em décadas anteriores. As vulnerabilidades podem ser classificadas em três eixos principais.



Vulnerabilidades estratégicas do Reino Unido na defesa das Ilhas Malvinas (2026). O infográfico organiza as três categorias de fragilidade identificadas na análise: naval e logística, aérea e de defesa, e geopolítica e econômica. Os dados comparativos entre 1982 e 2026 evidenciam o encolhimento das capacidades britânicas no Atlântico Sul. As citações reproduzem declarações registradas em fontes abertas e no documento original. Elaboração com dados de fontes abertas.

1) Vulnerabilidades Navais e Logísticas: A outrora poderosa Marinha Real Britânica enfrenta um processo de encolhimento que gera alarme entre especialistas. Um ex-membro das SAS que serviu na guerra de 1982 expressou publicamente sua preocupação, afirmando que o Reino Unido “*não tem mais uma força de combate*” nos moldes daquela que retomou as ilhas. A situação é crítica: atualmente, a Marinha Real conta com apenas seis destróieres e 11 fragatas, número insuficiente para montar uma força-tarefa naval comparável à de 1982, que contou com dois porta-aviões, oito destróieres e 16 fragatas.

Além disso, a falta de navios de apoio sólido limita a capacidade de sustentar uma operação à longa distância, e a frota de submarinos de ataque, pedra angular da defesa naval, enfrenta problemas operacionais. Em um dos episódios mais emblemáticos da crise, todos os cinco submarinos de ataque da classe Astute estavam simultaneamente em doca para

reparos, incapazes de operar.

2) Vulnerabilidade Aérea e de Defesa: A retirada do único avião-tanque Voyager baseado nas Malvinas, realocado para o Oriente Médio em meio à crise com o Irã, deixou as ilhas sem capacidade de reabastecimento aéreo pela primeira vez desde a Guerra das Malvinas. Essa decisão compromete a capacidade dos caças Typhoon estacionados em Mount Pleasant de realizar patrulhas aéreas de combate contínuas (CAP, *Combat Air Patrol*) e, crucialmente, de voar a missão de ida e volta de 2.600 km para patrulhar a Geórgia do Sul, uma dependência das Malvinas. Uma fonte sênior da RAF declarou que, *“se os argentinos decidirem testar nossas defesas, teríamos dificuldade em manter uma patrulha aérea de combate constante sem capacidade de reabastecimento ar-ar”*.

A defesa antiaérea, embora modernizada com o sistema Sky Sabre (de origem israelense), enfrenta o desafio de combater enxames de drones baratos, cenário que poderia esgotar rapidamente os mísseis de defesa antiaérea de alto custo. Some-se a isso o fato de que os Typhoon estacionados são da variante Tranche 1, com capacidade limitada para atacar alvos móveis em superfície, como navios.

3) Vulnerabilidades Geopolíticas e Econômicas: A tradicional dependência do apoio dos Estados Unidos para sustentar a presença britânica no Atlântico Sul foi abalada. Relatos da imprensa indicam que o governo Trump teria considerado, em um e-mail interno do Pentágono, rever o apoio diplomático dos EUA à possessões imperiais europeias, incluindo as Malvinas, como forma de punir aliados da OTAN. Embora o governo britânico tenha reafirmado seu compromisso com a defesa das ilhas, a mera possibilidade de um enfraquecimento do apoio americano representaria um duro golpe geopolítico.

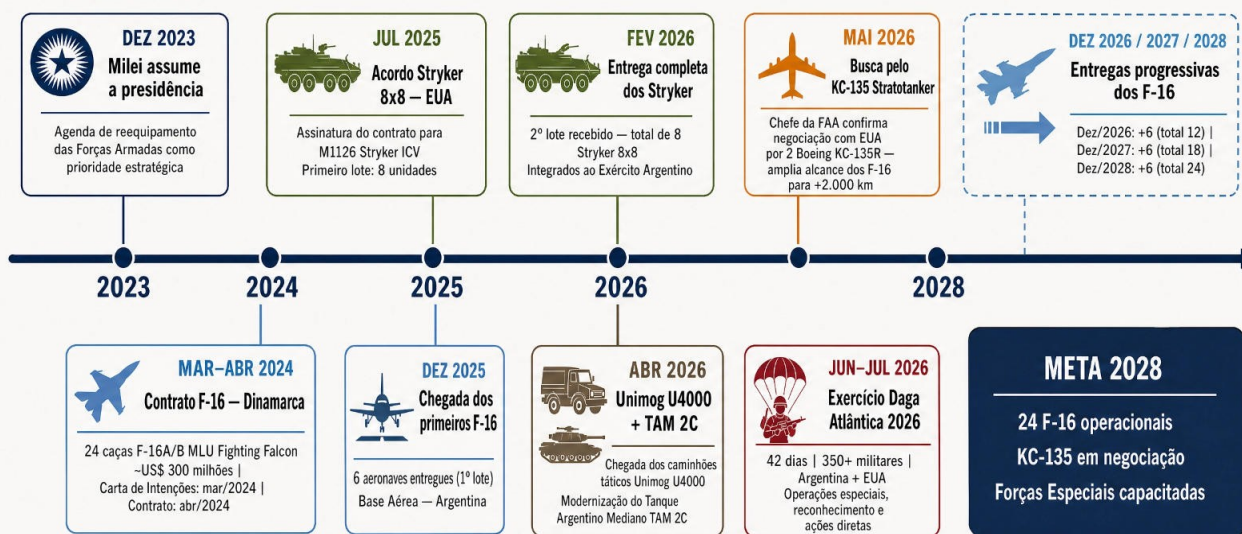
Economicamente, a capacidade do Reino Unido de projetar poder militar está sob pressão, com relatos de que os estoques de munição seriam suficientes para apenas oito dias de uma guerra de alta intensidade. A falta de investimento em capacidades modernas, como guerra de drones e ataques cibernéticos, enquanto se gastam bilhões em plataformas obsoletas, compromete a eficácia militar britânica.

7.2. AS CAPACIDADES MILITARES E ECONÔMICAS DA ARGENTINA

A Argentina, embora enfrente suas próprias limitações econômicas, tem demonstrado um esforço deliberado para modernizar suas forças armadas, o que altera o cálculo estratégico sobre as Malvinas.

MODERNIZAÇÃO MILITAR ARGENTINA

Principais aquisições e marcos estratégicos (2023–2028)



Fontes: Defesa Aérea e Naval, ar.usembassy.gov, armyrecognition.com, defence-blog.com, argentina.gob.ar | Dados de fontes abertas — jul. 2026

Modernização militar argentina: principais aquisições e marcos estratégicos (2023-2028). A linha do tempo registra os eventos verificados em fontes abertas até julho de 2026, incluindo o contrato dos F-16 com a Dinamarca, a aquisição dos blindados Stryker 8x8, a chegada dos Unimog U4000, a modernização do TAM 2C, a busca pelo KC-135 Stratotanker e o exercício bilateral “Daga Atlântica 2026”. As entregas de 2027 e 2028 referem-se aos lotes remanescentes de F-16 previstos em contrato. Fontes: ar.usembassy.gov; armyrecognition.com; defence-blog.com; argentina.gob.ar; Defesa Aérea e Naval (2024–2026).

1) Poder Aéreo e Forças Especiais: O investimento mais notório é a aquisição de 24 caças F-16 Fighting Falcon da Dinamarca, no valor de mais de £220 milhões, um salto qualitativo em relação à força aérea que operou em 1982. Embora a frota seja menor do que a centena de aeronaves disponíveis na época, a tecnologia dos F-16, combinada com mísseis antinavio modernos, oferece uma capacidade de ataque de precisão muito superior. Além disso, a Argentina busca adquirir aviões-tanque KC-135 Stratotanker dos EUA, o que, se concretizado, ampliaria drasticamente o alcance operacional dos F-16, potencializando a ameaça às ilhas.

No campo das Forças Especiais, a realização do exercício conjunto “Daga Atlântica 2026” com os EUA, que envolveu mais de 350 militares e operações de reconhecimento, infiltração e ações diretas, demonstra a crescente capacidade de projeção de força dos comandos argentinos.

2) Modernização Terrestre e Naval: O Exército Argentino recebeu novos veículos blindados Stryker 8x8 e caminhões táticos Unimog U4000, que começaram a ser integrados em 2026. Estes veículos, juntamente com tanques TAM 2C modernizados, melhoram a mobilidade e a capacidade de combate das forças terrestres. Embora a Armada Argentina não tenha recuperado a capacidade de projeção anfíbia de 1982, ela integra o esforço de modernização e participa de exercícios conjuntos, como a “Daga Atlântica”, que podem

refinar suas táticas de apoio a operações especiais.



Comparativo de forças: Argentina × Reino Unido no contexto das Malvinas (2026). O infográfico sintetiza as principais capacidades militares e vulnerabilidades estratégicas dos dois países com base em dados de fontes abertas. Os ícones de alerta (▲) indicam vulnerabilidades críticas britânicas identificadas na análise. Elaboração com base em fontes abertas diversas.

7.3. O PAPEL ESTRATÉGICO DOS DRONES E MÍSSEIS

É no uso de drones e mísseis de precisão que reside a grande vantagem tática argentina. Em vez de repetir o modelo de 1982 de uma invasão anfíbia em grande escala, a Argentina poderia adotar uma estratégia de “negação de área” e “ataque de precisão”, inspirada nas lições das guerras no Mar Vermelho, no Golfo Pérsico e na Ucrânia.

1. Drones e Guerra Híbrida: Como analisado em estudos sobre os desafios dos drones contra operações especiais, os sistemas não tripulados podem anular o sigilo e a surpresa, elementos-chave da defesa britânica. A Argentina poderia utilizar uma estratégia de “zona cinzenta”, empregando drones lançados de navios ou pesqueiros para:

- **Vigilância e Reconhecimento:** Mapear as defesas britânicas, a localização dos Typhoon e os movimentos de navios.
- **Saturação das Defesas:** Enxames de drones baratos poderiam ser usados para sobrecarregar o sistema Sky Sabre, esgotando seus mísseis e abrindo espaço para ataques mais precisos.
- **Ataques a Infraestruturas Críticas:** Drones *kamikaze* poderiam alvejar a pista de pouso de Mount Pleasant, o radar de vigilância ou os tanques de combustível, paralisando as

operações aéreas britânicas sem um único tiro de canhão.

2. Mísseis de Precisão: Os F-16, armados com mísseis antinavio modernos (possivelmente os Exocet atualizados ou equivalentes), representariam uma ameaça letal à frota britânica. O ataque ao destróier HMS *Sheffield* em 1982 demonstrou a vulnerabilidade dos navios modernos a esse tipo de armamento. Hoje, com o apoio de drones para designação de alvos, a precisão desses ataques seria ainda maior. Além disso, mísseis de cruzeiro com capacidade de ataque a terra poderiam ser usados para alvejar centros de comando.

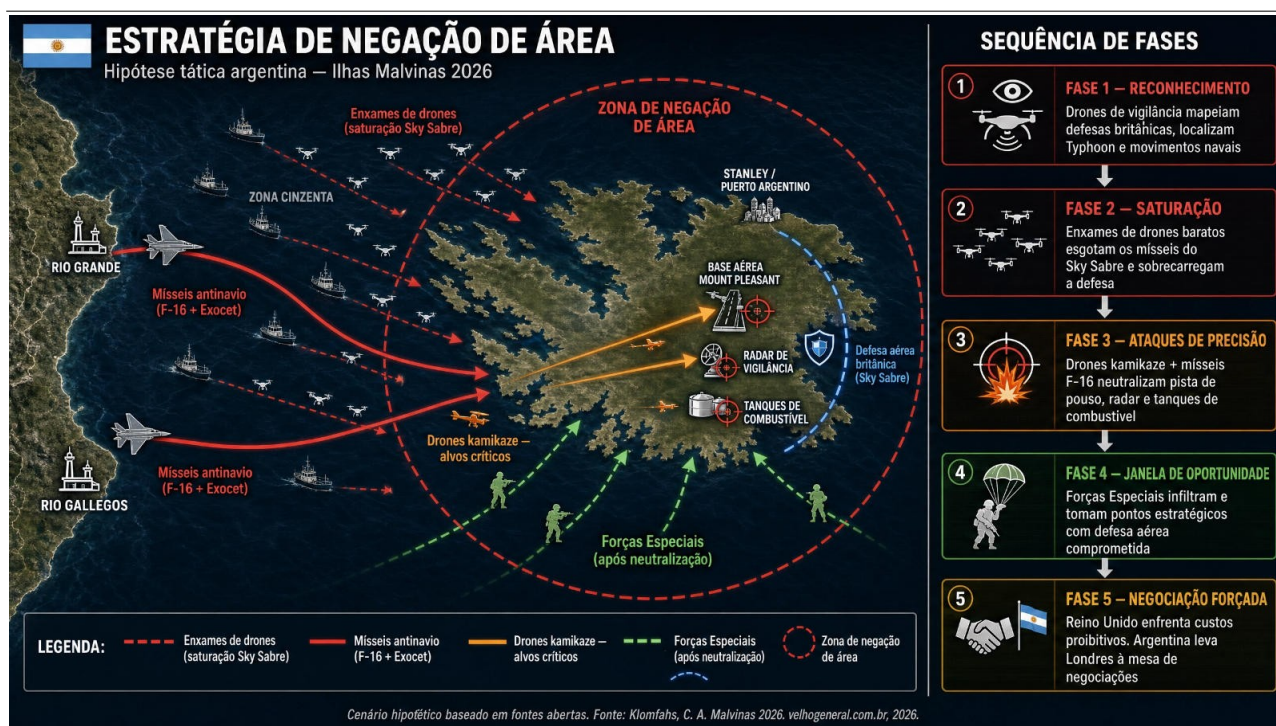


Diagrama tático hipotético: estratégia argentina de negação de área nas Ilhas Malvinas (2026). O diagrama ilustra os vetores de ataque e a sequência operacional de cinco fases descritas na Seção 7.3: reconhecimento por drones, saturação do sistema Sky Sabre, ataques de precisão contra alvos críticos (Base Aérea Mount Pleasant, radar de vigilância e tanques de combustível), infiltração de forças especiais e negociação forçada. Trata-se de um cenário hipotético elaborado para fins analíticos. Elaborado com base em fontes abertas.

À GUIA DE CONCLUSÃO

À luz da superficial análise preditiva proposta, misturando seriedade e bom humor, conclui que a pergunta de pesquisa que orientou este estudo indagava em que medida as vulnerabilidades britânicas, combinadas com o uso de drones e mísseis pela Argentina, poderiam viabilizar uma eventual operação de retomada das Ilhas Malvinas.

A análise suscita que uma operação anfíbia em larga escala, nos moldes de 1982, é inviável para a Argentina. Vislumbra-se que sua capacidade logística é insuficiente para sustentar uma força de ocupação a centenas de quilômetros de seu território continental, e sua frota naval e poder aéreo, embora modernizados, são menores que no passado.

Contudo, a hipótese inicial se confirma em sua essência: a Argentina possui hoje um leque de capacidades táticas que, explorando as vulnerabilidades críticas do Reino Unido, poderiam impor um custo proibitivo à manutenção da soberania britânica sobre as ilhas.

Através de uma campanha de “guerra híbrida” e “negação de área”, utilizando enxames de drones para saturar as defesas e mísseis de precisão para neutralizar alvos estratégicos (a base aérea, os navios de apoio, os radares), a Argentina poderia hipoteticamente:

Paralisar a capacidade de reação rápida do Reino Unido: A retirada do avião-tanque e a fragilidade da frota naval tornam uma resposta militar britânica em grande escala demorada e logisticamente complexa.

Criar uma janela de oportunidade para Forças Especiais: Com a defesa aérea e a pista de pouso comprometidas, uma operação de comandos anfíbios (semelhante à dos GRUMEC e COMANF brasileiros) poderia ser executada para tomar pontos-chave da logística Britânica, desde a Ilha de Ascensão e Geórgia do Sul e hastear a bandeira argentina.

Forçar uma negociação: Um cenário em que a Argentina demonstra a capacidade de infligir danos significativos e de sustentar uma campanha de desgaste, enquanto o Reino Unido enfrenta custos econômicos e políticos proibitivos para uma retomada, poderia levar Londres à mesa de negociações, o que é, em última análise, o objetivo declarado da política externa argentina.

Por fim, o objetivo geral de analisar o potencial argentino foi alcançado. A Argentina, ao priorizar a modernização de suas forças armadas com foco em tecnologia de precisão (F-16) e táticas assimétricas (drones), construiu uma capacidade de dissuasão e projeção de poder que, embora não garanta a vitória em uma guerra tradicional, torna a ocupação britânica das Malvinas mais custosa e arriscada do que nunca. Como bem observou um ex-oficial da Marinha Real, a “Malvinas 2” seria tão diferente da primeira que se tornaria difícil de prever, dependendo muito da *“determinação e coragem no nível político”*.

O que é certo é que as vulnerabilidades britânicas e as novas capacidades argentinas tornam o cenário de um conflito, ou de uma crise grave, uma possibilidade real que exige atenção redobrada de todas as partes envolvidas.

Reitere-se que não há intenção alguma de provocar rivalidade entre os países, mas avaliar que em caso de conflitos, as capacidades tecnológicas tem nivelado militarmente países assimétricos, degradado as capacidades logísticas navais, gerado lições e atraído o interesse de todos os países da América do Sul e de nosso entorno estratégico.

REFERÊNCIAS

KAPOGIANNI, V.; LOEFFLAD, E. *The maritime depths of Ex Aequo et Bono: towards an equitable transcendence of the terracentric juridical reproduction of the Falklands/Malvinas Dispute*. University of Reading, 2025. <https://centaur.reading.ac.uk/124377/>.

O'DONNELL, P. *Inherited Sovereignty: 'Uti Possidetis Juris' and the Falklands/Malvinas dispute*. War & Society, 2025. <https://discovery.researcher.life/article/inherited-sovereignty-uti-possidetis-juris-and-the-falklands-malvinas-dispute/5a7621acbec63cafee44044f3a016c2a>.

ABBAS, Z. et al. *The Role of the Falkland Islands in UK–Argentina Relations*. Pakistan Journal of Humanities & Social Sciences, vol. 13, nº 2, 2025. <https://journals.internationalrasd.org/index.php/pjhss/article/view/2806>.

DE BEER, M. *Don't Cry for Me, Diplomacy: The Influence of Argentine Domestic Politics on Diplomatic Negotiations During the Falkland Islands (Malvinas) War*. Taylor & Francis Online. Diplomacy & Statecraft vol. 36, 2025. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09592296.2025.2495451>.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia.

***Carlos Alexandre Klomfahs** é advogado, especialista em Direito Internacional dos Conflitos Armados e operador de Inteligência. Egresso curso de geopolítica da ECME e estratégia marítima da Escola de Guerra Naval. É mestrando no Programa de Pós-Graduação em Segurança Internacional e Defesa (PPGSID) da Escola Superior de Guerra.
